



9º Seminário de Extensão

QUEIXA ESCOLAR: SUA COMPREENSÃO E SEU ENFRENTAMENTO

Autor(es)

ANGELITA PROENÇA FURTADO

Orientador(es)

MARIA TERESA DONDELLI PAULILLO DALPOGETTO

1. Introdução

1. Introdução O presente trabalho trata da análise e enfrentamento da queixa de indisciplina em uma classe composta de 34 alunos com idade entre 7 a 8 anos da segunda série do ensino fundamental. O objetivo principal foi a análise e compreensão da queixa escolar de indisciplina, a fim de identificar e apresentar possíveis soluções para uma mudança efetiva no comportamento dos alunos quando necessária, e a minimização ou eliminação da queixa. Para realizar este trabalho buscou-se fundamentação em diversas abordagens a fim de entender o desenvolvimento infantil e o trabalho realizado pela Psicologia Escolar. Entre os autores pesquisados se deu ênfase na teoria Sócio-Histórica de Vygotsky que considera o sujeito aluno no seu meio social, contextualizando-o no tempo e lugar. Seu desenvolvimento é visto como um processo dialético propiciado nas atividades mediadas que o sujeito troca com o meio. Segundo Rego (1995) Vygotsky atribui enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento do ser humano por ser um processo socialmente constituído. Pode-se dizer também a partir de Vygotsky, que: “a relação do ser humano com o meio é sempre uma relação ativa e transformadora” (Vygotsky apud COLL, 1999, p. 100). Trata-se de um processo ativo que envolve aluno/professor, aluno/aluno, aluno/família, onde não existe subordinação, mas sim interação de um indivíduo com outros indivíduos. Assim, é possível pensar que as dificuldades encontradas em um determinado contexto (aluno agressivo, por exemplo), devem ser entendidas como um “sintoma” que se formou e que se alimenta das relações que esse aluno mantém com o seu meio (dentro de um sistema relacional).

2. Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo identificar os fatores determinantes da indisciplina na sala de aula, bem como alterar esse quadro identificando os problemas e sua resolução e visando interação, cooperação, respeito e união para com os integrantes e equipe.

3. Desenvolvimento

A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser vividas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado tenha êxito. Como em qualquer relacionamento humano, na disciplina é preciso levar em consideração as características do ambiente que também interfere na disciplina; e de cada um dos envolvidos no caso – professor e aluno. Classes muito barulhentas, nas quais ninguém ouve ninguém são locais pouco prováveis de conseguir uma boa disciplina. Baseados nesses argumentos e nessa percepção de escola e da relação professor/aluno, foi construído um trabalho que visa a compreensão da queixa escolar para então poder traçar planos para uma intervenção eficaz. Houve o contato inicial com a diretora e coordenadora pedagógica da Escola, a fim de conseguir a autorização e as primeiras informações a respeito da classe onde o trabalho seria realizado. As alunas compareceram à escola aos pares, com o objetivo de observar uma aula de cinquenta minutos por seis vezes e anotar os comportamentos emitidos pelos alunos e também pela professora. Foram observadas aulas de língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia, educação artística e educação física, ministrados pela docente principal e pelos docentes de disciplinas complementares: educação artística e educação física. Realizaram-se também entrevistas com os docentes da classe, e com a Coordenadora Pedagógica com o objetivo de obter o conhecimento da opinião pessoal das mesmas com relação à classe e à queixa apresentada, bem como possíveis idéias de trabalho e propostas de intervenção.

4. Resultados

Foi possível observar que a queixa escolar de indisciplina era real, pois a freqüência do comportamento de gritar e conversar durante as aulas era muito alta. Em conseqüência, as brigas eram freqüentes e a participação nas atividades e obediência aos professores eram baixas. Em contrapartida ao comportamento dos alunos foi possível notar que a professora E. também emitia alta freqüência de gritos em sala de aula. As atividades realizadas pelos alunos estavam sendo pouco reforçadas e estimuladas, e as atividades propostas eram desorganizadas e pouco explicadas aos alunos. Com esses dados em mãos e baseadas na teoria de Vygotsky, foi possível entender a necessidade que havia desses alunos reconhecerem e assumirem a importância de regras de convivência escolar. As atividades precisavam ser melhor organizadas e orientadas permitindo assim que os alunos vivenciassem cada regra. Foi preciso também melhorar a relação professor/aluno de forma que os discentes fossem reforçados positivamente pelos docentes para que os comportamentos de obediência, respeito, falar baixo e executar as atividades fossem assim instalados. Para o enfrentamento da queixa, fez-se uma reunião com a docente para uma possível proposta de trabalho com a classe onde foi explicado que haveria encontros com os alunos e práticas de algumas atividades para que pudessem exercitar as regras e poder assim apresentar o comportamento esperado. Foram feitos cinco encontros com a turma e nesses encontros foram utilizadas estratégias para estabelecer regras a serem lembradas no dia-a-dia dos alunos. Cada encontro teve em média uma hora de duração, e contou com a participação de duas a quatro integrantes deste grupo de trabalho. No segundo encontro a classe foi dividida em cinco grupos que receberam uma figura para colorirem e fazerem uma história que no final do semestre seria encenada por eles. Era de responsabilidade dos alunos a confecção dos fantoches e o cenário do teatro. Cada grupo era representado por uma cor (laranja, vermelho, azul, verde e rosa) sinalizada através de um crachá. Um cartaz, com a divisão em grupos, ficou na parede da classe, e ao final de cada encontro, o grupo que melhor se comportasse ou seguisse as regras (elaboradas por eles próprios e em conjunto com as alunas de psicologia), ganharia uma estrela. Esta seria colada no cartaz, de acordo com a cor do grupo e ao final do trabalho, quem tivesse o maior número de estrelas seria premiado. Foi solicitado aos docentes dessa classe, um trabalho em conjunto em que pudessem estar utilizando o mesmo processo de “dar as estrelas” em suas aulas aos alunos que seguissem as regras. Para maior controle do tempo, no início de cada encontro eram desenhados 5 quadrados na lousa; cada quadrado com equivalência de 10 minutos. Conforme passavam os 10 minutos, os quadrados iam sendo pintados, e a classe era avisada. O objetivo do último encontro foi fazer as crianças perceberem a importância do trabalho em grupo e a continuação do procedimento que elas mesmas tinham feito. Houve um breve ensaio das falas da história que eles próprios construíram, e no momento da apresentação os alunos repetiam sua respectiva fala e levantavam seus fantoches. Os alunos foram assistidos por outras turmas e ao final da apresentação, receberam a gratificação pelo bom desempenho.

5. Considerações Finais

A cada intervenção, era possível notar o interesse das crianças em participar das atividades propostas e do quanto se sentiam importantes em terem construídos eles próprios a história que iriam encenar e também o cenário. Nas primeiras intervenções, (estabelecimento das regras, criação da estória) apesar da preparação do material, não houve um controle eficaz do tempo, e devido a esse fato os grupos que terminavam a atividade no tempo destinado envolviam-se em conversas paralelas, brincadeiras e inquietação, conseqüentemente a professora titular demonstrava descrédito quanto ao trabalho até então realizado. Cada trabalho feito pelas crianças era sistematicamente elogiado e as regras eram trabalhadas de forma a serem possíveis de ser vivenciadas. Houve momentos de silêncio absoluto e interesse e foram evidenciadas a participação total da classe com disciplina inquestionável. Ao final quando foram apresentar o teatro, era possível notar a surpresa da direção da escola, dos outros alunos e da própria professora. A classe antes considerada a mais indisciplinada da escola, agora se comportava de forma a quebrar cada rótulo a eles imposto. A partir das discussões levantadas sobre a queixa, nota-se que as condições de ensino devem ser alteradas e as aulas mais dinâmicas, planejadas, com tempo apropriado para o término de cada atividade. Essa prática vivenciada na escola permitiu identificar que a criança é vista como um ser que precisa ser enquadrado nos moldes dos adultos. Os professores enfatizavam a importância da criança ouvir as explicações sobre o conteúdo que muitas vezes se tornava repetitivo, cansativo; enfim, uma tarefa mecânica, sem motivação alguma para apreender, sem atividades que englobavam dinâmicas, ou outras mais construtivas. Diante da queixa apresentada, foi possível perceber no decorrer do trabalho, o rótulo dado à classe como sendo a mais indisciplinada. Na tentativa de buscar estratégias para minimizar essa indisciplina, os professores freqüentemente elogiavam outras turmas como as mais comportadas e diante disto, a imagem desta segunda série, ficou como sendo “a sala mais indisciplinada”. Todos os alunos vindo de outras classes, já chegavam com o estereotipo de bagunceiro e indisciplinado, e conseqüentemente a classe adquiriu uma imagem de “depósito de alunos indisciplinados”. A conclusão do trabalho é a de que quando as atividades foram organizadas com temas, assuntos e atividades do cotidiano das crianças; quando receberam reforçamento positivo em relação aos seus trabalhos; atenção e demonstração de interesse em relação ao que elas tinham a dizer; as regras da escola se tornaram possíveis de serem praticadas em sala de aula e em outros momentos. Assim sendo, a freqüência dos comportamentos de indisciplina diminuíram significativamente. Se essa prática não for continuada pelos professores dessa classe, provavelmente a queixa volte. Enquanto forem centrados, unicamente, na criança os motivos da indisciplina, não se terá outra coisa a fazer que não queixar-se.

Referências Bibliográficas

- COLL, C. Psicologia da Educação. Porto Alegre: Artes Médicas. (1999), pg. 39
- REGO, T. C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes. (1995).
- VYGOTSKY, L. S. . A Formação Social da Mente. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes. (1989).